

A LINGUAGEM DO FUTEBOL NO ENSINO DO PORTUGUÊS

Gislaine RODRIGUES

Resumo

A linguagem futebolística geralmente é vista de maneira preconceituosa pela sociedade, sendo considerada pobre ou carregada de vícios. O grupo específico dos jogadores é alvo freqüente da discriminação, porque quase sempre tem baixa escolaridade. Contudo, todo grupo lingüístico traz suas contribuições para a língua, auxiliando na construção e evolução da sociedade. O esporte constitui um amálgama social, por possibilitar relações entre as diferentes camadas sociais. No caso do futebol, pode-se dizer que as contribuições são várias, pois possui características e particularidades expressas por meio de termos e expressões criativas originárias de outros idiomas e da própria Língua Portuguesa (LP), que enriquecem o léxico e que se incorporam à língua rapidamente. Refletir sobre essas contribuições lingüísticas e sobre o respeito e valorização do outro deve ser um exercício dos sujeitos do ensino-aprendizagem. O educador que considera os aspectos sociolingüísticos e que se preocupa com o contexto educacional, ao mediar essa reflexão, proporcionará ao discente a compreensão e valorização da identidade lingüístico-cultural das minorias (no sentido antropológico) em suas aulas de LP. Usando como base a perspectiva de BAGNO e FREITAS quanto às questões sociais, este trabalho vem contribuir ao demonstrar como algumas expressões da linguagem futebolística podem ser trabalhadas em sala de aula, enfocando a valorização dessa linguagem e de seus falantes, já que ela extrapola para o cotidiano da sociedade brasileira. Os resultados dessa prática apontam que, apesar de a linguagem futebolística continuar sendo vítima de preconceito, é um grande domínio a ser trabalhado para o enriquecimento Sócio-Lingüístico-Cultural dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Língua Portuguesa; futebol; Sociolingüística.

INTRODUÇÃO

As línguas são resultados de dinamização e evolução ao longo da história. Elas são os instrumentos de comunicação entre os falantes de diversas nações e, por ser

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Maria Cristina Parreira da Silva.

imprescindível aos seus usuários, é sabido que passam por mudanças e sofrem diversas inovações.

Com a Língua Portuguesa não é diferente. Ela recebeu inúmeras influências e, por ser, assim como todas, um organismo vivo, ela continua evoluindo a cada dia e, conta hoje, com cerca de duzentos e trinta milhões de falantes nativos.

A riqueza lingüística presente na Língua Portuguesa é resultado das sociedades migrantes, imigrantes e nativas, que auxiliaram na construção da identidade de seu povo. Essa identidade deve ser respeitada e valorizada, mas nem sempre é o que ocorre.

Existe um preconceito lingüístico bem grande quando se trata de linguagem e futebol. É comum ouvir dizer que um jogador de futebol ou uma pessoa dessa área não possui uma boa linguagem e comete muitos “erros” ao falar. O importante é perceber que a linguagem futebolística apresenta um vocabulário bastante variado e rico, contando com termos e expressões usados no dia-a-dia das pessoas, que vão, cada vez mais, se incorporando ao léxico da Língua Portuguesa.

Por ser a linguagem futebolística alvo de críticos que se consideram mais cultos do que os falantes dessa área, pretende-se com esse trabalho demonstrar, por meio de exemplos transcritos de gravações com a fala de jogadores, técnicos, comentaristas esportivos e outros do campo futebolístico, termos e expressões específicas do futebol, que auxiliam a língua em sua dinamicidade e riqueza.

Além disso, espera-se mostrar como a Sociolingüística aplicada ao ensino da Língua Portuguesa pode auxiliar na reflexão e valorização acerca dos diferentes núcleos populacionais.

É necessário que idéias tradicionalistas sejam desvinculadas da mente das pessoas, pois o conceito de que os falantes devem utilizar a norma-culta sem cometer

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

“erros” ainda está arraigado na maioria das pessoas que, muitas vezes, não percebe o quanto a língua é ativa e necessita de espontaneidade e criatividade para se manter rica.

Para demonstrar que a linguagem do futebol apresenta grande riqueza vocabular e expressões que já se incorporaram à Língua Portuguesa, são apresentadas algumas construções lingüísticas, que são consideradas, sob a visão da Sociolingüística, típicas do futebol e do uso diário da maioria dos falantes ao se comunicarem.

A primeira parte deste artigo apresenta um pequeno esboço teórico acerca da origem do futebol, alguns termos e expressões mais utilizados no esporte e sua aceitabilidade.

A segunda parte refere-se à linguagem do futebol, enquanto instrumento de ensino da Língua Portuguesa, com enfoque na Sociolingüística Qualitativa-Educacional. O que se pretende com o trabalho dessa linguagem especial no ensino do português é que o educador considere os aspectos sociolingüísticos e proporcione aos discentes a compreensão e a valorização da identidade lingüístico-cultural dos grupos populacionais “menos favorecidos” da sociedade.

FUTEBOL E LINGUAGEM

História do futebol

Tendo em vista que, atualmente, o futebol é um dos meios de amálgama social e que apresenta uma linguagem específica de seus usuários e admiradores, visa-se à apresentação de um breve relato da história desse esporte.

Vários estudos apontam que jogos com bola eram praticados em muitas culturas antigas, mas não se pode dizer que era o futebol, pois estes jogos não possuíam regras estabelecidas.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Os primeiros sinais da existência de um jogo que provavelmente deu origem ao futebol são de aproximadamente dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, na China. Era considerado como um treino militar em que os soldados chutavam, após as guerras, os crânios de inimigos mortos. Posteriormente o jogo começou a ser praticado em um campo quadrado com oito jogadores em cada equipe, em que nas extremidades havia duas estacas ligadas por um fio, formando o gol. A bola era de couro, revestida com cabelo e o objetivo do jogo era transferir a bola de um pé a outro sem deixar que caísse no chão até as duas estacas.

Na Grécia, foi criado um jogo chamado *Episkiros*, em que se dividiam duas equipes de oito soldados militares cada, em um terreno retangular. No Japão, o jogo era chamado *kemari* e era muito similar ao presente. No entanto, era praticado por indivíduos da corte imperadora e a bola era feita de fibras de bambu, em que os jogadores deviam evitar o contato físico.

Na Itália, surgiu um jogo conhecido como *gioco del calcio*, em que a violência era muito freqüente. Por ser o jogo de grande barulho e violência, fora proibido pelo rei da época, sendo punidos os jogadores que insistissem na prática do jogo. Após alguns anos, foi criada uma nova maneira de esse jogo ser praticado, usando regras, impostas por juízes, que proibiam a violência entre os jogadores.

É possível que esses esportes violentos históricos de que se tem conhecimento tenham dado origem ao futebol americano, que nos Estados Unidos da América é conhecido simplesmente como *football*, que fora importado da *Rugby School*. O *football* e o *rugby* são hoje, esportes bem diferentes e, na Europa, o nome *rugby* é usado para mencionar o jogo que deu origem ao futebol americano. Tanto o *rugby* quanto o futebol americano utilizam muito pouco os pés durante as partidas, isso os difere muito do *soccer*, como é chamado nos Estados Unidos e do futebol praticado no Brasil.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

O futebol chega então à Inglaterra e começa-se a criação de regras, estimulando a prática e as técnicas do esporte. Acredita-se que o futebol saiu da Itália e chegou à Inglaterra por volta do século XVII e, em 1885, o futebol foi profissionalizado no país.

O esporte foi tão bem aceito que até foi criada uma organização internacional, a *Federation of International Football Association* (FIFA), especialmente para a modificação e criação de leis se necessário fosse.

O esporte foi trazido ao Brasil, no ano de 1894, por Charles William Miller e Oscar Cox. O primeiro, paulistano e filho de um escocês com uma brasileira, e o segundo, filho de ingleses, foram estudar na Inglaterra, onde começaram a praticar o esporte. Quando voltaram para o Brasil, trouxeram além de duas bolas de futebol e um uniforme completo, as regras usadas na prática do esporte. (DEBAKEY – WIKIPÉDIA)

O futebol foi aos poucos agradando à sociedade e tornou-se um esporte popular praticado em quase todo o mundo, contando com diversos times e campeonatos nacionais e internacionais.

Hoje, o futebol é difundido em diversas emissoras de televisão, rádios e meios de comunicação de massa, contando com inúmeros programas esportivos e campeonatos que o tornam um dos esportes mais assistidos pela população.

Origem do nome e de alguns termos

No início de sua história no Brasil, o futebol era praticado apenas pela elite e brancos, jogado por estudantes ingleses ou jovens estudantes de classe alta.

Atualmente, a FIFA conta com cerca de duzentos países associados, que fazem do futebol um meio para a integração nacional e internacional. O nome futebol (*football*), é utilizado na maioria desses países, mas em apenas quatro o nome dado é

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

outro: nos Estados Unidos, Canadá e Austrália o esporte é conhecido como *soccer* e na Itália, como *calcio*.

A palavra *football* tem origem inglesa e sua designação, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2002), é *foot* = pé e *ball* = bola, dando o nome ao esporte *foot-ball* que fora grafado dessa maneira por cerca de trinta anos.

Assim, tornou-se futebol o nome dado ao esporte pela maioria dos países que o praticam. Isso mostra a forte influência do Brasil no nome do esporte e também as transformações sofridas pelo vocábulo ao longo de sua história, pois além do nome do esporte, diversos termos passaram por modificações e fazem hoje, parte do vocabulário da Língua Portuguesa, mas antes, alguns deles, utilizados na imprensa sobre os jogos, eram em inglês.

Esses termos foram coletados aleatoriamente na mídia, na internet, na revista Língua Portuguesa e com pessoas que possuem grande conhecimento no assunto e podem ser visualizados no quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Alguns termos utilizados pela imprensa nos jogos de futebol

INGLÊS	PORTUGUÊS
<i>sport</i>	esporte
<i>shoot</i>	chute
<i>forward</i>	atacante
<i>match</i>	jogo
<i>goal</i>	gol
<i>shootar</i>	chutar
<i>scratch</i>	escrete
<i>eleven</i>	onze
<i>seleccionado</i>	selecionado
<i>teams</i>	time

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

<i>ground</i>	campo
<i>referee</i>	árbitro
<i>sport-man</i>	esportista
<i>keeper</i>	goleiro
<i>corner</i>	escanteio
<i>to dribble</i>	driblar

É importante salientar que alguns termos caíram em desuso na prática esportiva brasileira, como é o caso de: ‘escrete’, gíria estrangeira que ganhou o sentido de seleção do que há de melhor (PORTO, 1993) usada para designar um grupo de jogadores. Na prática esportiva inglesa, ‘escrete’ faz menção a uma linha ou marca desenhada para instituir um ponto de partida e, ‘onze’ e ‘selecionado’, também já foram termos usados para mencionar esse mesmo grupo de jogadores.

Também de outras origens surgiram termos do atual futebol brasileiro, tais como: ‘equipe’, do francês *équipe* e ‘zaga’, do espanhol *zaga*, que no inglês era *back*, usado para nomear o que está atrás, na retaguarda.

Muitos dos termos anteriormente citados foram importados de outros idiomas, principalmente do inglês, mas suas adaptações ao português ocorreram de diferentes formas em Portugal, Brasil e outros países lusófonos. É o caso do vocábulo ‘gol’, que em Portugal é chamado de *golo* e seu plural é *goles* ou *gois* e os vocábulos: *avançado*, que em Angola é atacante; ‘goleiro’, que lá é *guarda-rede*; ‘volante’, que é *trinco*; ‘grama’ que é *relva* e ‘escanteio’ que é *pontapé de canto*.

Abaixo, são apresentados outros termos utilizados em Portugal, no quadro 2:

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Quadro 2: Alguns termos utilizados no futebol de Portugal

PORTUGAL	BRASIL
apanha bolas	gandula
adjunto	auxiliar técnico
adeptos	torcedores
assobios	vaias
equipa	time
balneário	vestiário
auto-golo	gol contra
futebolista	jogador
baliza	travessão
pontapear	chutar
esférico	bola

Termos do futebol na linguagem cotidiana

Todos os dias ouvem-se nas ruas palavras e expressões diferentes das que são ditas no contexto normal da maioria das pessoas. Gírias e jargões são de grande destaque entre os jovens ou entre um grupo específico de falantes e deixam a língua ainda mais interessante.

Com o auxílio da linguagem futebolística, o cotidiano das pessoas também passa a incorporar diversas palavras e expressões que são faladas por jogadores, comentaristas esportivos e locutores. Até mesmo aqueles que não são tão admiradores do futebol acabam por absorver essas unidades.

Esses termos e expressões, geralmente, recebem significação diferente no cotidiano e sua semântica pode estar relacionada a vários assuntos e contextos.

Exemplos disso podem ser quando se fala que alguém: “pisou na bola”, “está fazendo firula”, “deixou alguém de escanteio”, “está driblando o desemprego”, “joga nas onze”.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Expressões como essas são bem comuns na linguagem cotidiana e já fazem parte do vocabulário de muitas pessoas.

Uma outra questão interessante configura-se quando a linguagem futebolística começa a ser utilizada para se referir ao sentido sexual. Nesse caso, muitas vezes os termos são falados com malícia. Quando se fala que uma pessoa faz “marcação cerrada sobre outra” ou aquela pessoa “esconde o jogo” ou ainda, “não deu assistência”, entra no campo das relações entre homem e mulher.

A bola é muitas vezes comparada à mulher. Em expressões usadas para referir a esse objeto torna-se um símbolo que faz menção às formas arredondadas da figura feminina. Quando se ouve dizer apelidos como “gorduchinha”, “perseguida” ou “maricota” percebe-se uma certa malícia ao usar o jogo de palavras.

Uma expressão famosa que comprova essa fala é a dita por Osmar Santos “pimba na gorduchinha” que nada mais é do que chutar a bola, mas que pode remeter a outros sentidos, dependendo da intenção do falante.

Em entrevista dada à revista Língua Portuguesa (2006, p.10), Ivan Proença diz: “A bola é a mulher: há que se tratá-la bem, com afeto, com intimidade, ‘dormir’ com ela, para conservá-la ao seu lado, sempre”. Essa relação feita entre a bola e a mulher representa a força que a bola tem como símbolo no futebol e também a força da mulher em relação à busca por um objetivo, ou seja, o jogo da conquista.

Aproveitando a riqueza desse vocabulário, “nessa altura do campeonato”, vale lembrar que muitos termos já deixaram de ser mencionados, muitos ainda são e outros ainda serão, pois essas mudanças contínuas precisam acontecer para que não se tornem repetitivos e cansativos demais na linguagem do futebol. Isso se dá devido ao acompanhamento que se faz da dinamicidade da língua e dos falantes, que também são torcedores.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Segundo Mauro de Salles Villar (2006, p.9), diretor do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, acepções e vocábulos novos entram nas línguas vivas diariamente e isso é necessário para que a linguagem, seja do futebol ou de outro segmento, não se canse.

O futebol e sua aceitabilidade

Sabe-se que o conceito de “erro” é algo muito discutido e comentado entre os estudiosos da língua. Os “vícios de linguagem” dos falantes de uma comunidade lingüística são, muitas vezes, vistos de maneira preconceituosa por muitos, incluindo aqueles que apenas acreditam ter um bom conhecimento lingüístico.

Com o elenco da área do futebol não é diferente. A maioria dos jogadores, técnicos, comentaristas esportivos é vítima freqüente do preconceito de muitos da sociedade, isso porque, pensa-se que a linguagem do futebol é pobre ou carregada de vícios. Esse preconceito ocorre, principalmente, porque muitos dos jogadores ou personagens do meio futebolístico têm baixa escolaridade.

Embora haja certo preconceito com relação a essa particularidade da língua, muitos falantes acabam incorporando à sua fala termos e expressões do futebol, pois diversos termos de outras áreas tornam-se adaptadas ao contexto e situações vivenciadas. O vocábulo “chaleira”, por exemplo, para o futebol deixa de ser um utensílio utilizado pela dona de casa para aquecer a água e passa a ser uma tática usada por jogadores de futebol com a intenção de bater na bola com a parte lateral e externa do pé.

O famoso “chapéu” deixa de ser um acessório utilizado na cabeça por homens e mulheres e se torna a jogada em que a bola é lançada sobre a cabeça do adversário com a intenção de driblá-lo durante o lance.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Essas transformações semânticas ocorrem devido à grande utilização feita pelo público que batiza os termos empregados no esporte, garantindo sua aceitabilidade. Essas transformações possuem uma relação de dependência com a cultura de cada região ou país, pois uma determinada expressão pode não ser significativa aos membros de uma comunidade lingüística, mas sim, para outra.

Por esse motivo surgem diversos neologismos na língua e aportuguesam-se muitos estrangeirismos, que por sua vez, terão maior significação e aceitabilidade aos falantes da língua que os utiliza.

Segundo o professor Francisco Platão Savioli (2006), esse jogo com as palavras é feito pelo futebol com grande êxito e salienta em reportagem feita pela revista Língua Portuguesa (2006, p.16): “O futebol tira ou acrescenta, como muito sucesso, sentidos aos termos que adota [...]”.

Mais à frente, o lingüista comenta que essa gama de sentidos que recebem os vocábulos da língua na linguagem futebolística é reflexo do quanto o futebol é um esporte apreciado pelo país. “O esporte criou um espectro lexical tão grande que virou o exemplo mais popular de que o sentido dado às palavras nunca será único”. (SAVIOLI, 2006, p.17)

Verifica-se desse modo a força do futebol no auxílio de enriquecimento da língua, pois quanto mais uma palavra é utilizada por seus falantes mais ela tem chances de se valer de novos significados e se tornar aceita em meio aos usuários da língua.

O FUTEBOL E A LÍNGUA PORTUGUESA

Princípios da Sociolingüística

A fala dos jogadores, locutores, comentaristas, escritores e críticos esportivos apresenta muita expressividade, mas é, muitas vezes, considerada “desvio” da norma-

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

culta sob a perspectiva da gramática normativa. Pretende-se aqui, mostrar como o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, sob a perspectiva da Sociolinguística, vê esses “desvios”, reconhecendo que não se pode dissociar a língua de seu contexto histórico-social.

A Sociolinguística, como sendo parte da Linguística, prima pelo enfoque nas relações entre língua, sociedade e cultura. Desse modo, é praticamente impossível mencionar um desses aspectos sem, ao menos, pensar em outro.

Segundo Pessoa (2005) “Linguagem, cultura e sociedade estão ligadas entre si por traços indissolúveis.” Isso porque, todo indivíduo está inserido em uma sociedade, traz consigo marcas culturais e, ainda, possui linguagem. A linguagem é considerada base construtiva na identificação de um indivíduo e disseminadora de toda diversidade e heterogeneidade linguístico-cultural.

O que ocorre, muitas vezes, é a não valorização das diferentes linguagens culturais. A linguagem do futebol, por exemplo, é um dos exemplos de linguagem no qual sofre grande preconceito linguístico, pois, dependendo da maneira pela qual é analisada e interpretada, é vista como uma linguagem pobre e medíocre.

De acordo com a Sociolinguística-Qualitativa-Educacional, a aceitação e o respeito aos diferentes grupos sociais, que auxiliam na diversidade e riqueza linguística, são pontos-chave na mudança do estereótipo do que seja ou não considerado “erro”. Essa reflexão cabe ao processo ensino-aprendizagem, mediado por um educador comprometido e preparado para lidar com diversas realidades e preconceitos.

A idéia de erro e o ensino do português

A partir dos estudos sociolinguísticos, a idéia de erro é vista com um olhar diferente do da gramática normativa, ou seja, o que ocorre entre os falantes de uma

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

comunidade lingüística são maneiras diferentes de utilização da língua. Nessa perspectiva, se a comunicação entre os interlocutores ocorrer, então o erro não existe.

Mesquita (2002, p. 566) ressalta em sua gramática, bem diferenciada das demais, que o “erro” não deve comprometer a comunicação, sendo que o essencial da utilização da língua é a clareza: “[...] pois fundamental é a clareza, que vem a ser a qualidade essencial da expressão lingüística de quem fala ou escreve”.

Bagno e Freitas (2001) muitas vezes colocam que há a existência de preconceitos e mitos que estão arraigados no ser humano. Um dos mitos que menciona é a respeito da “língua única”, principalmente no Brasil, para ele esse mito nada tem de científico e sim de ideológico.

O que os autores querem dizer é que o conceito de erro está muito distorcido na mente das pessoas, ou seja, o que para um falante pode ser a maneira que encontrou em determinado momento para se comunicar e expressar seus sentimentos pode ser para outro, motivo de preconceito ou chacota.

Esse preconceito é chamado por Bagno de *círculo vicioso do preconceito lingüístico*. Isso porque, esse “círculo vicioso” é por ele considerado, como uma transferência de ideologia que liga a escola à sociedade.

Concorda-se com Bagno por saber que o ensino da Língua Portuguesa, na prática escolar, está comprometido pelo aparelho ideológico da elite, com relação às classes menos privilegiadas e dominadas. É necessário que o educador interfira nessa relação, possibilitando aos educandos e também usuários da língua, a libertação dessa visão errônea, preparando-os para conviver com as diferenças de seu próximo.

Pensando, nesse momento, especialmente no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, pode-se dizer que diversos estudos e teorias apontam suas visões e defendem suas teses a respeito de qual seria a ciência, o estudo, a teoria ou até mesmo a

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

doutrina, como dizem Bagno e Freitas (2001), mais adequada ao aprendizado de uma língua.

Os lingüistas criticam o uso de regras impostas na língua, uma vez que, ensinar as regras de uma língua materna a seus falantes nativos é incoerente, pois estes falantes já conhecem a estrutura da língua que utilizam para se comunicar desde a infância.

Futebol no ensino da Língua Portuguesa

A discordância entre gramáticos tradicionalistas e lingüistas ainda é grande, seja por meio do preconceito vindo dos lingüistas em relação aos gramáticos tradicionalistas, que acreditam ser a gramática tradicional algo imutável e relativo à manipulação da sociedade, seja pelo preconceito dos gramáticos tradicionalistas em relação aos lingüistas, por crerem que a lingüística veio para “atrapalhar” ou “modificar” o aprendizado da língua.

Para Bagno e Freitas (2001), cabe chamar a gramática tradicional de doutrina e não de ciência, por ser ela ordenada por dogmas e não pela constatação por meio da prática.

O futebol é tido como amálgama social por possibilitar relações entre as diferentes camadas sociais. Esse esporte também pode ser utilizado como amálgama nas aulas de Língua Portuguesa. Cabe ao professor de língua criar meios e utilizar recursos lingüísticos que atraiam e motivem seus estudantes ao aprendizado.

Termos e expressões do futebol, partindo do cotidiano da sociedade brasileira, podem ser usados no enfoque da valorização e do ensino da língua.

Um exemplo de professor de Língua Portuguesa e também pesquisador da linguagem do futebol é Luiz César Saraiva Feijó, que em um dos seus livros,

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

“Balançando o véu da noiva” (2001) faz um estudo da linguagem figurada do futebol brasileiro a partir dos conteúdos gramaticais, filológicos, lingüísticos e de comunicação.

A própria expressão da gíria do futebol “balançando o véu da noiva”, que significa marcar um gol, é explicada por Feijó (2001) a partir dos *semas* feminilidade, sensualismo, sexualidade, fazendo um paralelo com outras expressões como “beijar as redes”, “abrir as pernas”, “beijar o véu da noiva”.

Expressões como essas podem servir de instrumento para ensinar, por exemplo, e de acordo com Feijó, as figuras de linguagem antítese (futebol e sensualidade) e metáforas, que remetem o estudante a outras significações.

Termos e expressões usadas na linguagem futebolística podem servir para comprovar aos alunos seus neologismos conceituais e o jogo semântico, além de mostrá-los como termos já incorporados à língua. Apresentam-se abaixo alguns deles:

Quadro 3: Alguns neologismos conceituais com grande valor semântico

Chapéu	Fazer firula
Chaleira	Deixar de escanteio
Azeitou a bola	Driblar o desemprego
Comeu um frango	Esconder o jogo
Pisou na bola	Dar assistência

Considerando agora a questão do erro no ensino do português, serão utilizadas as falas de pessoas da área futebolística, a fim de demonstrar como que, apesar da presença de “erros” sob a visão da gramática normativa, a comunicação ocorre, sem prejuízo lingüístico.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

Não se pretende expor os nomes dos participantes nesse trabalho, nem tampouco, rotular suas falas. Sendo assim, serão utilizadas as abreviações dos nomes dos mesmos.

Analisando a frase dita por um apresentador esportivo de um programa de canal fechado:

“Fica **patinando** agora no gramado” (A.G.).

O que se pode dizer a respeito é que quem patina é o patinador e não o jogador de futebol, sendo assim, segundo a gramática normativa, o apresentador teria cometido um barbarismo (cruzamento) e o correto seria dizer: “Fica patinando agora no gramado”. Já sob a perspectiva da lingüística, a preocupação é em saber se no uso, os falantes aceitam esse tipo de expressão e se consideram mais habitual. É provável que os falantes não aceitem essa expressão como usual, pois não a utilizam no cotidiano.

Já na frase:

“E **lá** no estádio Anacleto Campanelo está **aí** o repórter André Plihal pra nos dar as primeiras informações desta vitória do São Paulo”. (P. S.).

É provável que a lingüística classificasse esta fala como algo circunstancial resultante da fala. Em contrapartida, a gramática normativa consideraria uma ambigüidade.

Frases como essas são construídas a todo instante entre os participantes da linguagem futebolística e também em outros meios. O que deve ser estimada é a

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

comunicação entre os usuários da língua, valorizando a socialização e a identidade dos diversos núcleos.

A linguagem e a educação, unindo-se ao ideal de ensinar a Língua Portuguesa e valorizar as diferentes linguagens e culturas, por meio da Sociolinguística-Qualitativa-Educacional, tornarão, sem dúvida, o processo ensino-aprendizagem mais significativo para docentes e discentes, apresentando resultados importantes na dinamicidade da língua e no enriquecimento Sócio-Linguístico-Cultural dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em unir a linguagem futebolística ao ensino da Língua Portuguesa, este trabalho apresentou um breve excerto acerca da história do futebol, termos e expressões originárias do esporte, sua aceitabilidade na sociedade e pôde contribuir no que tange à prática do professor de Língua Portuguesa, enquanto disseminador de valores de identidade e respeito às diferenças linguístico-culturais.

Por ser a linguagem futebolística alvo comum de preconceito, foram apresentados alguns termos e expressões que já se incorporaram ao léxico geral da Língua Portuguesa e que estão presentes no cotidiano de seus usuários, contribuindo também em sua dinamicidade.

Conclui-se que é necessário obter um ponto de equilíbrio no que diz respeito às idéias de linguagem, especialmente à linguagem futebolística, para que certos preconceitos não desmereçam a manifestação dos falantes de uma comunidade linguística e nem mesmo se tornem cada vez mais arraigadas na mente da sociedade.

Embora este trabalho não tenha sido extremamente completo no que diz respeito ao estudo da linguagem, ele traz grande contribuição a estudiosos no assunto,

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

interessados na linguagem futebolística e seu léxico e, especialmente, a professores comprometidos com a Sociolinguística aplicada ao ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M.; FREITAS, C. P. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

DEBAKEY, M. História do futebol. Disponível em:
<<http://www.wikipédia.org/wiki/Futebol>>. Acesso em 12 nov. 2006

FEIJÓ, L. C. S. *Balançando o véu da noiva: a dramática linguagem figurada do futebol*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 2001.

HIDALGO, L. O futebol na ponta da língua. *Revista Língua Portuguesa - Especial Futebol & Linguagem*, São Paulo, v.1, p. 9-13, abril. 2006.

HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vol., Lisboa, Círculo de leitores, 2002.

MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa* 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

PESSOA, M. S. *O geps e as perspectivas da pesquisa sociolinguística*. *Revista Pesquisa Criação* 2005, UNIR-Porto Velho, v. 4, n. 4, p. 52-57, 2005.

PORTO, R. *Dicionário de Gírias e Verbetes futebolísticos*. s/local: Central Globo de Comunicações, 1993.

SAVIOLI, F. P. Jogo semântico. *Revista Língua Portuguesa – Especial Futebol & Linguagem*, São Paulo, v.1, p. 14-15, abril. 2006. Entrevista concedida a Luiz Costa Pereira Junior.

VILLAR, M. S. O futebol na ponta da língua. *Revista Língua Portuguesa – Especial Futebol & Linguagem*, São Paulo, v.1, p. 34-39, abril. 2006. Entrevista concedida a Luciana Hidalgo.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAGNO, M. *A norma oculta: Língua & Poder na sociedade brasileira*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M.; STUBBS, M, e GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BEARZOTI, F. P. *Formação lingüística do Brasil*. Curitiba: Nova didática, 2002.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ EDUSP, 1979.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

NETO, S. S.; CUNHA, C. (apresentação). *História da língua portuguesa* 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. (Brasileira de Filologia Portuguesa)

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix & Edusp, 1969.

[1] UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Rua: Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Parreira da Silva.